

# OS DEZOITO DO FORTE

## Reminiscencias da epopéa de Copacabana

Alvo, ao luar, se destaca no recorte  
Da praia, muito longe, o vulto desse Forte  
Que parece dormir...  
Tudo em torno é silencio e, apenas, aos pés d'elle,  
Serenamente o mar eleva aquelle  
Seu eterno bramir.

Perto, a cidade, accesa em luzes d'ouro,  
De pedraria, é como um rutilo thesouro  
Que elle guarda com amor;  
E, longe, na amplidão, que o seu olhar espreita,  
Apenas voga, placida, uma estreita  
Vela de pescador.

Tanta é a calma, o silencio, a mansuetude  
Naquelle seu aspecto, entre imponente e rude,  
De monstro a repousar,  
Que, dos feros canhões occultos no seu seio  
Ignorantes, as aves, sem recejo,  
Passam sobre elle, a voar...

Passae, passae, gaivotas que, das vagas,  
Fugis, dentro da terra, ás quietações, presagas  
De rijos furacões.

Passae, que, muda já, nessa horrída garganta,  
Não mais, atroando o espaço, se levanta  
A voz de seus canhões.

O monstro que, rugindo, erguera a fronte  
Ha pouco, eil-o, vigia eterna do horizonte,  
Que, socegado jaz!  
Duas noites sonhou; e, em febre, delirante,  
Ergueu por sobre a Patria a voz possante,  
Que os montes tremer faz...

Duas noites clamou, reboando pelo  
Concavo azul do céu, o vigoroso appello  
A seus demais irmãos...  
Só, longe, a voz do mar, só, no alto, a voz do vento,  
Succederam, sob o amplo firmamento,  
Aos seus rugidos vão!

Duas noites durou-lhe o sonho, apenas  
E agora, sob o luar destas noites serenas  
De calma e mansidão,  
Paira, sobre esse heróe de pedra, que medita,  
A tristeza insondavel a infinita  
Dôr da Desillusão!

Passae, passae, ó velas! E, ao voltardes  
Das amplidões do mar, na placidez das tardes  
Que enchendo as almas vae,  
Os que, ali dentro, o exemplo, ali deram-nos risonho  
Dos que sabem morrer pelo seu Sonho!  
— O pescadores, lembrae!...

Elles eram dezoito... Os mais partiram  
Tanto que a causa, enfim, viram perdida.  
Elles — dezoito apenas — preferiram  
Ficar, quando ficar custava a vida...

Elles viram partir seus companheiros  
Ansiosos de viver!  
Em vez de censural-os, altaneiros,  
Preferiram morrer...

Preferiram ficar em seu reducto,  
O coração sereno, o animo afoito,  
Unidos nesse bando resolutivo  
Dos últimos dezoito...

Os mais, da guarnição, abandonaram  
Trincheiras e canhões, torres e vallos;  
Só elles os seus postos conservaram...  
— Que baixaza, insultal-os!

Elles eram tão moços! E, lá fóra,  
O mundo, a vida, o amor, tanta illusão!  
Que anseios de viver, de se ir embora,  
Cada um não suffocou no coração!

Soldados do Brasil, lançaes por vossas mãos  
As flores da Saudade ás suas sepulturas...  
E vós, do oceano em meio ás noites mais escuras,  
Marujos do Brasil! lembraes vossos irmãos...

Qualquer que tenha sido a causa defendida,  
Se o foi sinceramente, acatae-a, Soldados!  
Mais nobre que coroar heróes afortunados,  
E' exaltar o que deu, por seu Ideal, a vida...

Elles dormem, agora; e, ao longo, sobre aquelles  
Que os venceram, no forte, adeja outra bandeira!  
Porque aquelle que os viu, á hora derradeira,  
Lutar, morrer por ella, essa morreu com elles...

Perversos? Isso, não! Mas Bravos lidadores  
Que tinham dentro de si, aberta toda em flor,  
A alma da mocidade a lhes sorrir amor,  
A lhes brilhar de fé nos olhos sonhadores...

Perversos? Não, jamais! soldados, attenção.  
Quando era ainda completa a guarnição do forte,  
Reuniu-se, certa vez, a discutir a sorte  
Da Praça; e já fatal se via a rendição,

Quando desse que depois os commandou na luta  
De subito se ouviu: — Isso nunca! — exclamar:  
— O forte não se rende; antes fazel-o voar! —  
E, em meio da mudez da guarnição, que o escuta,

Tomando de um papel, torce-o, chega á chamma,  
Accende-o como um facho e, esplendido de heroismo,

Genio, archanjo da guerra illuminando o abysmo,  
Em busca do paiol parte, agitando a flamma...

Mas eis que o desespero em torno d'elle arrocha  
Os dois braços de um pae, que, desvairado, geme  
— Os meus filhos Piedade! — e, á sua voz que treme,  
Treme do heróe a mão e cae-lhe aos pés a tocha...

Ainda hesita; mas logo, o olhar posto lá fóra,  
Lembrando-se, tambem, de um ente bem amado  
A quem vae preferir a honra de soldado:  
— Sim — diz — tendes razão. Eu fico, Ide. Ide  
[embora...]

Soldados do Brasil! lançaes por vossas mãos  
As flores da saudade ás suas sepulturas...  
E vós, do oceano em meio ás noites mais escuras,  
Marujos do Brasil! choraes vossos irmãos...

E, se perante vós, não sob acobertadas  
Garantias, alguém achar de amesquinhal-os,  
Soldados do Brasil! tiraes vossas espadas...  
Não deixeis insultal-os!

## O PAIZANO

Em cada heróe o garbo de um soldado  
No kaki do uniforme o sol punha, dourado,  
Um sorriso de adeus á triste cohorte...  
Trazia a guarda impavida do Forte.

Tinham todos marcial o aspecto, embora,  
Na exaltação do Ideal que os conduzia,  
Certo descuido houvesse em todos, que áquella hora  
O desespero d'alma traduzia.

Só, entre elles, qual nota differente  
Nesse mavortico hymno sobrehumano,  
Vinha, obscura e, talvez desageitadamente,  
A figura sombria de um paizano.

Alto, esguio, trajando roupa escura  
E a elegancia de um gentileman no porte,  
Elle vinha, com a mesma impavida bravura  
De seus irmãos no Ideal sorrindo á morte...

Ella vinha, jungindo á alliança breve

Por que, enfim, esse gesto? essa vergonha  
Da derrota, afinal?  
Ah, brava mocidade que ainda sonha  
E morre pelo Ideal,

Quando o tempo que passa é só de egoismo,  
Dos que buscam subir, galgar aos trancos,  
Do interesse arrastando ao torvo abysmo  
Os seus cabellos brancos!

Quando todos, traíndo-os, demandaram  
Da existencia affrontosa os vãos regalos,  
Só elles, mais que a vida, a honra amaram...  
— Que vileza, insultal-os!

Poetas e heróes, á hora derradeira,  
Como uma só mortalha ter quizeram,  
Tomaram, soluçando, da bandeira  
E em dezoito pedaços a fizeram...

E, enquanto cada qual, com terna unção,  
Cingia a insignia bella,  
Como a gritar-lhe á Patria o coração  
Que ia morrer por ella,

Na sua punha um delles a alma inteira;  
"Adeus, queridos Paes! que, em despedida,  
"Vos beijo neste canto da bandeira  
"Por quem dei quanto pude... a minha vida".

E elles foram lutar em campo aberto,  
O peito, não de ferro, mas de ralos  
Pedaços da bandeira só coberto...  
— Que torpeza, insultal-os!

Foram, sim, mas tão bellos, tão risonhos,  
Quaes bravos paladinos de outras éras,  
Offerecer á morte os pobres sonhos  
De suas infelizes primaveras!

O mar, o céu, a terra lhes sorriam...  
Por suas pobres vidas,  
A cada passo, ansiosas, lhes pediam  
As coisas conhecidas...

Foram, sim — ó visão de tal momento! —  
Serenos corações, espadas nûas,  
Ao encontro de todo um regimento,  
Cantando pelas ruas...

Foram, sim... E, ao fulgor primaveril  
Que os sabres lhes rodeava de aureos halos  
Bateram-se, dezoito, contra mil...  
— Que vergonha, insultal-os!

Bateram-se... minuto? meia ou uma hora?  
Quem sabe? Enquanto tinham munições,  
Atiraram; depois, saltando fóra  
Da trincheira, lutaram como leões,

Corpo a corpo, entre mandos, entre apodos,  
Entre estampidos e aís,  
Até que, de um em um, caíram todos,  
Mortos — mas immortaes!

Todos, não. Um, de pé, restava ainda,  
Era o ultimo titan. Olhando em volta,  
Vendo mortos os seus e a luta finda,  
Eil-o que o sabre solta,

Rompe o dolman, aponta o coração  
E aos algozes dizendo, a desafial-os:  
Atirem, seus... rolou, varado, ao chão...  
— Não, não se ha de insultal-os!

De um momento de dôr seu coração,  
Esguio e obscuro qual, aos céos subindo, deve  
— O' Povo! — ser a tua Aspiração...

Era rico e era livre... E por que vinha?  
O' belleza dos gestos ditos — loucos!  
Vendo partir do forte o bando, que não tinha,  
Ante tantas legiões, senão tão poucos;

Surprehendido, em sua alma destemida,  
Por toda aquella esplendida epopéa,  
De subito esquecendo a liberdade e a vida,  
Amplas azas de fogo abrindo á Idéa,

Eil-o, toma de uma arma, e lado a lado  
Alto, esguio, sereno, nobre, ufano,  
Com elles vae morrer, na luta, amortalhado  
Na sua roupa escura de paizano...

#### ALTO!

A meio do caminho doloroso,  
A pequena tropa, fatigada,  
Quiz, ainda uma vez, o amavel gozo  
Sentir da fresca lympha desejada.

Parou: bateu á porta entre-fechada  
De um lar; pediu; e um vulto carinhoso  
Lhe veiu, em pouco, á sêde acalorada  
Offerecer o liquido precioso...

La de mão em mão o copo; e, lentos,  
Os dezoito guerreiros, num profundo  
Silencio, aos labios avidos o erguiam,

Como a querer beijar, beijar sedentos,  
A saudade da Vida lá no fundo  
Daquelle ultimo copo em que bebiam...

Por sua vez, erguendo-o na mão forte,  
Aquelle que dos mais á frente vinha:  
"Companheiros — lhes disse — á sorte minha  
"Podeis, livres, poupar a vossa sorte

"Que aquelle a quem viver inda lhe importe  
"Evite a hora cruel que se avizinha  
"Pois, aos que me seguirem, se adivinha  
"Que o caminho da honra é um só — a Mortel!"

Disse; e o copo, esvasiando-o lentamente,  
Numa outra mão o depõe, em gesto frio,  
Enche-o, bebe-o e a outra mão o vae passar,

Emquanto elle, o caudilho, os olhos sente  
Cheios d'agua, á medida que, vazio,  
O derradeiro copo as vê deixar...

E, esplendida, lá no alto, a etherea taça  
Da tarde se inclinava, derramando,  
Como uma poeira d'ouro sobre o bando  
A apothese da Vida, que não passa.

Como a velha Grecia á antiga raça,  
E esses rudes heróes de aspecto brando  
Vinha a luz, feita um halo, coroando  
De uma aureola immortal de Sonho e Graça...

E elles iam bebendo; e, em meio aos brilhos  
Do crystal, ante o ansioso olhar profundo  
Com que da lympha o seio revolviam,

De esposas, noivas, paes, amigos, filhos,  
Os espectros boiavam-lhes no fundo  
Daquelle ultimo copo em que bebiam...

## ULTIMO SONHO

Sobre a amplidão azul do oceano, que, bramindo,  
Das vagas no collar cingia o areal infindo,  
O bando audaz, que vinha, em silencio, a marchar,

Estendia, scismando, o adeus de seu olhar.  
E, sob a luz que como a estrophe aurea de um  
[hymno

Cantava, pelo espaço, um Sonho — pequenino  
Como o batel que ao mar trazer o infante sóe —  
Abriu, fluctuante, ao longe, o olhar de cada heróe...  
Era um longinquo Ideal, que do cimo da agua calma  
Surgia, a reluzir como uma estrella d'alma  
Depois, victoria-régia abrindo a immensa flôr,  
Astro, do equorio seio erguendo o igneo fulgor,  
Sobre a amplidão, como um nascer de sol risonho;  
O olhar de cada heros viu explodir seu Sonho!  
Era, a desabrochar, como uma flôr, do chão,  
A imagem de uma Terra, immensa na extensão,  
Que esse mesmo azul mar, por costa quasi infinda,  
Cingia do collar de sua espuma linda...

Era a miragem, longe e rutila, a sorrir,  
De uma Terra, um Paiz que o sol, em seu fulgir,  
Pela raça que o habita e o sólo seu fecundo  
Parecia beijar melhor que a todo mundo!  
Era visão bemdita, o sonho de um Paiz  
Livre, de um Paiz justo, equanime, feliz,  
Onde, mais que ambições, houvesse patriotismo,  
E onde, mais fundo que o seu mais tremendo  
[abysmo

Cavasse, entre o Poder e o despotismo vil,  
Intransponivel sulco de um Povo varonil!  
Onde, mais que o interesse egoista, se estampasse  
O pudor da Virtude austera em cada face,  
E pudesse, o que o Cimo ousasse lhe alcançar,  
Do alto de sã consciencia a Patria contemplar!

Era este, eis o Ideal que, bello de esperanza,  
Em tons aureos de luz e verdes de agua mansa,  
Não já como illusão de flôres ou de sóes,  
Mas lábaro glorioso, áquelle olhar de heróes  
Erguia-se como um amanhecer risonho!  
Eras tu, doce Patria, o seu ultimo Sonho...

## DENTRO DA TARDE

O intrepido pugillo avança... Ociosas  
São as vagas que o mar, monotono, levanta  
E uma daquellas tardes cariciosas  
Sob o arco azul do céu, radiosamente, canta...

De páramos longinquos vem voltando  
Das gaiotas, em linha, a revoadá primeira.  
Mesmo assim, dos dezoito heroes o bando  
Avança pela praia em rapida fileira.

Avança... Entre as blandicias que lhe entorna  
A natureza, em seu convite eterno á Vida,  
Elle sabe que vae e que não torna  
Pois, esperanza ou honra, uma ha de ser perdida.

Que lhe importa saber que apenas elles,  
De toda uma legião exanime ou cobarde,  
Irão trocar a vida por aquelles  
Momentos immortaes de um pobre fim de tarde?

Avança. Avança, sim! que, ali, já perto,  
A todo um regimento onde os irmãos são mil,  
Elles querem mostrar, o peito aberto,  
Como sabem morrer os bravos do Brasil!

Sôam tiros, de subito... Alarido;  
Alvorotos de alarma; e clarins resôam;  
E vozes de commando; e gritos, e tinido  
De ferros; explosões; e estampidos que écôam...

São elles que se batem, bellos loucos,  
Menos de vinte contra um regimento todo!

E' o pequenino pelotão dos poucos  
Que amam, mais do que o posto, a Patria com de-  
[nodol

São elles, novos Leonidas, sublimes.  
Menos de vinte, em frente a uma phalange inteira!  
São elles, vindo expiar na morte os crimes  
De ter criado um Sonho e amado uma Bandeira!

São elles! Encarna-se a peleja.  
Contra o simples pugillo a praça inteira luta.  
"Fogo!" dos capitães a voz troveja,  
E o rispido espoucar de mil fuzis se escuta.  
E tumultua, cresce o tiroteio.  
E' um cáos, uma feroz desordem, a batalha!  
No espaço, como o arfar de um grande anseio,  
Passa, crebro, o zunir de balas e metralha.

Depois, a pouco e pouco, vão cessando  
Os tiros; vae morrendo, aos poucos, o tumulto;  
Tudo é findo; sómente, ainda, do bando,  
Resta de pé, na praia, o destemido vulto

Do derradeiro heróe, o ultimo guarda...  
Mas, breve, a munição lhe falta, e eil-o que lança  
A arma aos pés e, rasgado ao alto a farda,  
Seu grande peito expõe ao pelotão que avança...

Agora, sim, agora tudo é findo...  
Sobre o bando, que jaz num lago rubro e quente,  
Na grande curva azul do céu infindo  
A luz crepuscular canta, radiosamente...

De páramos longinquos vem voltando  
Das gaiotas, em linha, a ultima revoadá  
Ahl como ellas, não mais do bravo bando  
Ninguem verá, em fila, a rapida avançada.

Ninguem. Mas, nesse canto onde caíram;  
Nesse adorado chão da Patria extremecida  
Que com seu sangue indomitó tingiram  
E beijaram com a boca a que fugia a vida;

Em meio dessa esplendida moldura  
De luz assidua; o olhar de cada um delles posto,  
Fixamente, no céu, como á procura  
De termo áquella dôr que ainda lhes guarda o  
[rosto,

Daquelles bravos mortos a visão  
A tudo e a todos ha de, augusta e varonil,  
Gritar, subindo impavida do chão,  
Que ainda sabeis morrer, soldados do Brasil!

Tudo é findo... Lá longe, no recorto  
Da praia, se destaca o vulto deste Forte,  
Que parece dormir.

Pesa o silencio em torno e, apenas, aos pés delle,  
Serenamente o mar eleva aquelle  
Seu eterno bramir...

Dos heróes que tombaram a lembrança,  
Como espuma que a vaga em seu topo balança,  
Passaram, afinal...

Menos de vinte contra um regimento todo!  
Para que um nome fique, o heroismo, só, não basta  
Donde fuge a Fortuna, a Gloria afasta  
Sua luz immortal...

Mas onde quer que, delles, entretanto,  
Guarde um peito de mãe ou o de uma esposa, em  
[pranto,

A saudade sem fim,  
A alma da Patria irá, como um éco distante,  
Dizer, pensando nelles, soluçante:  
— Foram dignos de mim!

(Extraido do "Correio da Manhã".)

Winckelmann Hopke



Winkelmann Hopke

Logo depois do memoravel feito dos 18  
de Copacabana, surgiu ~~a~~ poesia "Os 18  
do Forte de Copacabana" que aqui trans-  
crevemos. O poeta guardou ~~então~~ o seu  
incognito durante muito tempo, por modestia  
e receio de perseguições.